

DIFERENÇAS

*** Roberto Rodrigues**

Estive em setembro passado em Beijing, na China, participando junto à Universidade Chinesa de Agricultura de conversações que a Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", da USP, vem mantendo com as outras quatro Universidades que compõem as "TOP 5", as cinco melhores Escolas de Ciências Agrárias do mundo, a saber: Universidade Wageningen na Holanda, Universidade da Califórnia/Davis nos EUA, Universidade Agrícola da China, Universidade Cornell nos EUA e a brasileira ESALQ/USP. Fazia 13 anos que não ia a Beijing, e tinha estado lá algumas vezes desde a primeira viagem que fiz à China em 1987.

Ao longo destes 30 anos testemunhei a impressionante mudança experimentada pelo grande país asiático. E "impressionante" é uma palavra até insuficiente para o que lá aconteceu e vem acontecendo. Em 1987, a confusão no aeroporto era tamanha, tinha tanta gente - mas tanta! - indo e vindo de um lugar para o outro, que demorei mais de uma hora para chegar onde estava a mala despachada: sabia claramente onde era, mas chegar até ela foi uma luta.

Nas ruas havia pouquíssimos carros, mas milhares de bicicletas, meio de transporte para passageiros e cargas. Havia bicicletas puxando carretinhas com gente ou mercadorias e o ciclista fazia enorme esforço físico, ajudado pela topografia muito plana da cidade. As ruas que ainda não tinham sido abertas e alargadas com a demolição dos pequenos imóveis urbanos eram acanhadas e tristes, barbeiros cortavam o cabelo dos transeuntes na calçada, costureiras arrumavam roupas em mínimos cômodos vizinhos de sapateiros, assim como cozinheiros, serviços de todo tipo. A quase unanimidade das pessoas usava um único modelo de vestimenta, conhecidíssima no mundo. Os trens eram precários, os hotéis deixavam a desejar na limpeza, assim como os restaurantes. Na cidade não havia quase árvores e a poluição era grande: uma bruma amarela envolvia toda a capital

Com o passar dos anos, as mudanças foram acontecendo com muita rapidez e profundidade. Cidades como Shanghai se transformaram tão vigorosamente, que parecem as mais modernas dos Estados Unidos ou do Canadá: tudo novinho, com uma arquitetura belíssima, arrojada e feita de materiais inovadores. O trem bala que une Beijing e Shanghai viaja a mais de 300 quilômetros por hora e a sensação do passageiro é de estar parado, tamanha a estabilidade.

Beijing é hoje uma cidade gigantesca, cosmopolita e tem os mesmos problemas de tráfego que tem qualquer outra metrópole. Mas suas avenidas são muito largas, lotadas de carros novos, a sinalização é perfeita, a beleza arquitetônica encanta. E a modernidade convive com os templos muito antigos, oferecendo ao visitante museus bem cuidados e cultivando a Praça da Paz Celestial (onde está o túmulo de Mao Tse Tung) e também a Cidade Proibida, palácio do último imperador chinês.

A arborização é espetacular, a cidade inteira tem parques e avenidas com centenas de quilômetros plantados com várias espécies vegetais que precisam resistir a temperaturas abaixo de 10 graus negativos no inverno e acima dos 40 positivos no verão.

Tudo muito rico, próspero, moderno e bonito. Muito mais do que nossas grandes cidades, que em 1987 eram bem melhores que Beijing. O que aconteceu? Onde foi que perdemos a mão ou erramos?

Podem ser apontadas inúmeras razões para esse descompasso que acontece conosco também em relação a outros países asiáticos, como Coreia do Sul e Tailândia. Podemos falar no mais óbvio atraso nosso que é educação, podemos falar em falta de infraestrutura ou em inovação tecnológica: na China tudo se paga com o celular, quase

não se usa mais o cartão de crédito. Celular lá "faz parte da anatomia individual", exagero para mostrar a situação dos avanços eletrônicos e de TI.

Mas no fundo no fundo, pode-se atribuir todo esse avanço a um ponto principal: estratégia. Há algumas décadas os governos chineses vem executando um gigantesco e minucioso plano para transformar o país na Potência que é hoje, sem fugir da linha. Entra governo, sai governo, e o planejamento estratégico vai sendo seguido, adaptado obviamente às inovações que os chineses copiam dos mais avançados ou simplesmente criam. Tem método, os objetivos são claros e quantificados, a economia gerou excedentes espetaculares em dólares que agora são reinvestidos em obras ciclópicas, dentro e fora da China.

Tudo estratégia, a educação, a magnífica urbanização e a urbano-industrialização, o modelo exportador, a ciência e a inovação, os hábitos comportamentais, tudo planejado.

Pode-se dizer que isto só foi possível porque o país é comunista e o poder é exercido com mão de ferro; pôde-se dizer que todos esses ganhos foram obtidos às custas de uma mão de obra sub-remunerada, da pobreza de boa parte da população. Pode-se dizer que a democracia é muito melhor, etc, etc.

Mas uma coisa é certa: tem estratégia, com visão de futuro e de longo prazo. Fica então uma pergunta, aliás muito oportuna nesse cenário eleitoral que estamos vivendo: quer dizer que estratégia só é compatível com comunismo? Que na democracia não cabe estratégia?

E a resposta é não: claro que na democracia é possível construir um país com visão de longo prazo, e há exemplos disso a granel ao redor do mundo. O problema é outro. Temos que eleger gente que pense estrategicamente no futuro do Brasil e de seu povo. Temos que eleger estadistas! Gente que não se preocupe apenas em querer o poder pelo poder, ou que só busque reforçar seu partido ou seu segmento. Temos que eleger líderes legítimos e nunca mais gente sem valores morais, sem patriotismo e sem ética.

Só assim desenvolveremos nosso país. E, se não o fizermos, nunca teremos educação, nem saúde, nem segurança, nem infraestrutura. Se não o fizermos afundaremos na mediocridade da ignorância, da corrupção, da desigualdade. E mataremos nos nossos jovens o idealismo e a crença no nosso potencial. Destruiremos o futuro.

*** Coordena o Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas, foi ministro da Agricultura e escreve artigos toda 3ª terça-feira do mês**